

**A formação ética e as características das crianças e jovens: um estudo sobre as faixas etárias no contexto escolar**

**Ethics education and the characteristics of children and youth: a study of age groups in the school context**

**La educación ética y las características de los niños y los jóvenes: un estudio de grupos de edad en el contexto escolar**

DOI: 10.54033/cadpedv21n13-212

Originals received: 11/11/2024

Acceptance for publication: 11/29/2024

---

**Diego Kenji de Almeida Marihama**

Doutor em Educação

Instituição: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC - SP)

Endereço: São Paulo, São Paulo, Brasil

E-mail: diegomarihama@yahoo.com.br

**Viviane Cristina de Mattos Battistello**

Doutora em Diversidade Cultural e Inclusão Social

Instituição: Universidade Feevale

Endereço: Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, Brasil

E-mail: vbattistello@gmail.com

---

**RESUMO**

O artigo retrata a formação ética e cognitiva como parte do processo formativo, que traz diálogo e colaboração entre escola, família e comunidade. Sob essa perspectiva, a pesquisa em questão tem por objetivo: compreender como ocorre a formação ética e as especificidades de cada fase do desenvolvimento dos alunos. Assim, considerou-se como adequada à pesquisa, o uso da metodologia bibliográfica, para compreensão das especificidades de cada fase do desenvolvimento. A análise e resultados mostram que práticas educativas que valorizam a autonomia e o diálogo fortalecem a aprendizagem de valores essenciais, como respeito, solidariedade e responsabilidade. A inclusão do erro como parte do processo de aprendizagem, contribui para o desenvolvimento da resiliência e do pensamento crítico, preparando os alunos para enfrentar desafios futuros de maneira proativa. A literatura estudada apresentou dados relacionados à importância da coerência entre os princípios éticos e as práticas pedagógicas para a formação de cidadãos conscientes. Por fim, nas considerações finais, retratou-se que a educação, ao integrar valores éticos com práticas pedagógicas, não apenas contribui para a formação cidadã, mas também prepara os alunos para enfrentar desafios com autonomia e responsabilidade. A valorização do erro como parte da aprendizagem e o

estímulo à reflexão sobre ações e escolhas, são estratégias fundamentais para desenvolver competências. Conclui-se que o papel da escola, em parceria com as famílias e a comunidade, é indispensável para criar um ambiente que promova o diálogo, a empatia e a prática de valores essenciais como respeito, solidariedade e justiça.

**Palavras-chave:** Formação Ética. Prática de Valores. Fases do Desenvolvimento Piagetiano. Ensino. Aprendizagem.

### ABSTRACT

The article portrays ethical and cognitive education as part of the educational process, which involves dialog and collaboration between school, family and community. From this perspective, the aim of the research in question is to understand how ethical education takes place and the specificities of each stage of students' development. Thus, the use of bibliographic methodology was considered appropriate for the research, in order to understand the specificities of each stage of development. The analysis and results show that educational practices that value autonomy and dialog strengthen the learning of essential values such as respect, solidarity and responsibility. The inclusion of error as part of the learning process contributes to the development of resilience and critical thinking, preparing students to face future challenges proactively. The literature studied presented data related to the importance of coherence between ethical principles and pedagogical practices for the formation of conscientious citizens. Finally, the final considerations show that by integrating ethical values with pedagogical practices, education not only contributes to citizen education, but also prepares students to face challenges with autonomy and responsibility. Valuing mistakes as part of learning and encouraging reflection on actions and choices are fundamental strategies for developing skills. The conclusion is that the role of the school, in partnership with families and the community, is indispensable in creating an environment that promotes dialogue, empathy and the practice of essential values such as respect, solidarity and justice.

**Keywords:** Ethical Education. Practice of Values. Piagetian Stages of Development. Teaching. Learning.

### RESUMEN

El artículo presenta la educación ética y cognitiva como parte de un proceso formativo que implica el diálogo y la colaboración entre la escuela, la familia y la comunidad. Desde esta perspectiva, el objetivo de la investigación en cuestión es comprender cómo se produce la educación ética y las especificidades de cada etapa del desarrollo del alumno. Así, el uso de la metodología bibliográfica se consideró apropiado para la investigación, con el fin de comprender las especificidades de cada etapa de desarrollo. El análisis y los resultados muestran que las prácticas educativas que valoran la autonomía y el diálogo fortalecen el aprendizaje de valores esenciales como el respeto, la solidaridad y la responsabilidad. La inclusión del error como parte del proceso de aprendizaje contribuye al desarrollo de la resiliencia y del pensamiento crítico, preparando a los alumnos para afrontar los retos futuros de forma proactiva. La literatura

estudiada apresenta dados relacionados com la importancia de la coherencia entre los principios éticos y las prácticas pedagógicas para la formación de ciudadanos conscientes. Por último, las consideraciones finales muestran que, al integrar los valores éticos con las prácticas pedagógicas, la educación no sólo contribuye a la formación ciudadana, sino que también prepara a los alumnos para afrontar los retos con autonomía y responsabilidad. Valorar los errores como parte del aprendizaje y fomentar la reflexión sobre las acciones y elecciones son estrategias fundamentales para el desarrollo de competencias. La conclusión es que el papel de la escuela, en colaboración con las familias y la comunidad, es indispensable para crear un ambiente que promueva el diálogo, la empatía y la práctica de valores esenciales como el respeto, la solidaridad y la justicia.

**Palabras clave:** Educación Ética. Práctica de Valores. Estadios Piagetianos de Desarrollo. Enseñanza. Aprendizaje.

## 1 INTRODUÇÃO

Educar é, ao mesmo tempo, uma arte e um desafio contínuo. A complexidade desse processo, permeada por valores, opiniões e práticas, varia de acordo com os contextos sociais e históricos. Como destaca Moran (2023), a educação familiar é um reflexo do equilíbrio precário entre carinho, limites e presença moderada de incoerências, o autor relata sua experiência, tanto como pai quanto como avô, revela nuances de uma transição geracional no modo como crianças e jovens são educados.

No passado, predominava um modelo mais rígido, característico de *famílias tradicionais*. Moran (2023), exemplifica como as mudanças sociais influenciaram uma nova geração de pais, que optou por criar vínculos mais próximos e dialogados com seus filhos. Essa prática incentiva a autonomia, fomenta habilidades sociais e amplia horizontes por meio de múltiplas experiências, traz tanto benefícios quanto desafios. Ela é marcada por práticas que buscam equilibrar liberdade e responsabilidade, proporcionando às crianças um ambiente rico em oportunidades de crescimento, mas também exigindo reflexões constantes sobre os limites e o papel da orientação.

Essa reflexão não se restringe ao ambiente familiar, estendendo-se à escola, onde os educadores enfrentam questões semelhantes. Afinal, a formação ética e moral dos alunos requer sensibilidade para refletir sobre as

necessidades individuais de cada fase do desenvolvimento, conforme descrito por Piaget (1972) e outros teóricos. A escola é, além de um espaço de aprendizagem, um lugar de vivências significativas, onde valores e regras são construídos em conjunto. É nesse ambiente que os alunos, desde a infância até a adolescência, aprendem a ser cidadãos conscientes, capazes de refletir sobre as suas ações, participar de forma crítica e ética na sociedade.

Portanto, este artigo busca explorar o desenvolvimento moral e o olhar às fases do desenvolvimento, relacionando-os aos conceitos cognitivos dos alunos, bem como os desafios e oportunidades que surgem ao longo do processo educacional. Partindo de fundamentos teóricos e experiências práticas, refletindo sobre o papel da escola e da família na formação integral das crianças e adolescentes, considerando a importância de uma interação que integra valores, autonomia e responsabilidade. Assim, considerando-se como adequado à pesquisa o uso da metodologia bibliográfica, para compreensão das especificidades de cada fase de desenvolvimento, permitindo uma análise mais profunda das interações e das influências que retratam o crescimento moral e cognitivo no contexto educacional.

## **2 A FORMAÇÃO ÉTICA NA EDUCAÇÃO: CONSTRUINDO UM AMBIENTE DE CIDADANIA E RESPONSABILIDADE**

Ao refletir sobre os alunos e o seu processo formativo, é fundamental entender que uma das maneiras de motivar a cultivar criticidade e a cidadania, é por meio do protagonismo. Morin (2011) ressalta que a educação deve formar o aluno para lidar com a complexidade do mundo e exercer o seu papel como co-construtor da sociedade. Isso exige uma perspectiva educacional integrada e interdisciplinar, que não apenas desenvolva habilidades cognitivas, mas também promova valores e atitudes fundamentais para a vida em sociedade.

Ainda assim, essa tarefa está longe de ser simples. A incoerência nas ações humanas é uma realidade resultante, e muitas vezes os comportamentos dos adultos não refletem diretamente os valores ou conhecimentos. Nas palavras de Freire, (2013, p.73), “a reflexão, se realmente reflexão, conduz à

prática. Essa desconexão ocorre por diversos motivos, que vão desde influências externas até pressões sociais”. Na escola a orientação mais assertiva aos alunos seria de agirem de acordo com valores éticos e o que rege a instituição. No entanto, é fundamental o entendimento que errar faz parte do processo de aprendizagem e que a coerência é compreendida como uma construção contínua, que envolve a autorreflexão e o autoconhecimento.

Nesta perspectiva, a confiança é a base para a aprendizagem, especialmente quando se trata de valores e ética. Os educadores devem, sempre que possível, atuar como modelos de comportamento, demonstrando coerência entre suas palavras e ações. Essa congruência nos comportamentos dos professores torna-se essencial para que os alunos compreendam a importância dos valores. Ademais, utilizar histórias e casos práticos que ilustrem situações em que valores são postos à prova, bem como a maneira ética de lidar com essas circunstâncias, torna a aprendizagem mais significativa. Em consonância ao pensamento de Rogers (1977), através da autenticidade é possível alcançar um impacto substancial e construir relacionamentos significativos.

Promover discussões em sala de aula sobre dilemas morais e éticos são fundamentais. Salienta-se a relevância de os alunos serem incentivados a refletirem sobre diferentes perspectivas e as consequências das suas ações. Perguntas como *O que você faria nesta situação?* Ou *Por que essa escolha é importante?* estimulam o pensamento crítico. Envolver os alunos em projetos que exijam colaboração, respeito mútuo e responsabilidade, como projetos comunitários, são ótimas oportunidades para praticar valores que estão inseridos no cotidiano do alunado.

Durante esses projetos, é importante fornecer devolutiva, destacando comportamentos positivos e áreas de melhoria. Masetto (2022, p.1326) ressalta que “assumir a construção de um processo de aprendizagem com seus alunos pressupõe por parte do professor, desenvolver uma atitude de mediação pedagógica”. Nesse sentido, o reconhecimento e o reforço positivo são fundamentais, visto que o reconhecimento de tais comportamentos integrativos, refletem os valores ensinados ajudando a consolidar esses comportamentos.

Portanto, o modelo de criar um sistema de recompensas que valoriza atitudes éticas, como a ajuda entre colegas, a empatia e a tomada de decisões justas, representando uma prática pedagógica efetiva. Consoante à Masetto (2022), esse modelo favorece ambientes de aprendizagem colaborativas, onde os participantes se envolvem em ações compartilhadas, promovendo transformações e a construção conjunta do conhecimento e da formação profissional.

Transformar os erros em oportunidades de aprendizagem é essencial, pois fazem parte do processo de aprendizagem. A análise e correção dos erros deve ser utilizada para orientar e aprimorar a aprendizagem, incentivando a curiosidade em aprender mais, em vez de ressaltar as fraquezas ou os fracassos dos que os cometem, conforme Sá (2023).

Quando um aluno comete um erro, é importante ajudá-lo a entender o que deu errado, o porquê deu errado e como poderia agir de forma diferente no futuro. Incentivar a autoavaliação e a responsabilidade, fazendo com que os alunos reconheçam seus próprios erros e pensem em maneiras de melhorar, é uma estratégia pedagógica. Aquino (1997), pactua com a ideia que o professor comunique ao aluno que ele ainda não atingiu a solução correta, visto que a falta desse aviso, pode confundir ou criar a falta impressão de que todas as ideias têm a mesma importância.

Transformar os erros em oportunidades de aprendizagem é fundamental porque promove um ambiente inclusivo e sustentável. Quando os erros são vistos como parte do processo de aprendizagem, em vez de falhas irreparáveis, os alunos se sentem mais encorajados a experimentar, arriscar e inovar. Isso não apenas facilita a aquisição de novas habilidades e conhecimentos, mas fortalece a resiliência e a autoconfiança.

Neste sentido, aprender com os erros ajuda os alunos a desenvolverem uma mentalidade de crescimento, uma vez que todo o processo ocorre a partir dos valores e princípios da instituição, os quais também precisam ser respeitados. Essa conexão entre os valores institucionais e a aprendizagem por meio dos erros permite que os alunos compreendam que inteligência e habilidades, promovem o desenvolvimento do esforço e prática. Segundo

Vygotsky (2007), a visão para o erro como ferramenta pedagógica proporciona ao desenvolvimento cognitivo dos alunos, tornando-a fundamental para o desenvolvimento a médio e longo prazo, pois prepara os alunos para enfrentar os desafios futuros com uma atitude positiva e proativa.

Criar um ambiente onde os erros são valorizados como oportunidades de aprendizagem, promove uma cultura de transparência e confiança. Os alunos aprendem a ser honestos sobre suas dificuldades e a buscar ajuda quando necessário, o que fortalece a colaboração e o apoio mútuo dentro da comunidade escolar. Eles também desenvolvem habilidades importantes, como a autoavaliação e a responsabilidade, ao reconhecer seus próprios erros e trabalhar para superá-los. Quando uma criança erra, o educador deve ajudá-la a superá-lo por meio de estratégias que facilitem a aprendizagem do conteúdo, evitando recriminações ou fazer as tarefas por elas, já que é fundamental que vivenciem essas experiências para aprender. (Sá, 2023)

Nesse íterim, a educação emocional também desempenha um papel fundamental, pois o processo engloba gerenciar também as emoções. As emoções podem “influenciar tanto positivamente, quanto negativamente o processo de tomada de decisão, dependendo da forma que interagem com o processo cognitivo”, (Furtado,2023). Salienta-se que o desenvolvimento da empatia e a compreensão dos valores e para isso ensinar valores é um processo contínuo e requer atenção dos professores. É necessário reforçar os mesmos valores de diversas formas e em diferentes contextos, assim, a persistência é essencial, pois a construção de coerência e a internalização de valores que leva tempo e repetição.

Outras estratégias nesse modelo incluem o envolvimento da comunidade escolar e das famílias no ensino de valores, o que aumenta seu impacto quando valores são compartilhados e reforçados tanto em casa quanto na escola, seu significado é ampliado. Andrade (2022), recomenda promover ações que discutam a importância dos valores e como cada um pode contribuir para uma educação ética. Proporcionar aos alunos a oportunidade de tomar decisões e assumir a responsabilidade por suas ações é essencial para sua formação. A autonomia favorece a internalização dos valores, pois os alunos aprendem a

avaliar as consequências de suas escolhas. Além disso, criar atividades que os desafiem a resolver problemas de maneira ética e a refletir sobre suas decisões é uma prática pedagógica eficaz.

Ensinar valores é um processo complexo que requer paciência, assim quando ocorre a compreensão que errar é parte da aprendizagem, e que a coerência se constrói ao longo do tempo, os professores podem fomentar um ambiente propício ao crescimento contínuo, onde os valores são efetivamente praticados. Nesse contexto, torna-se pertinente a adoção de valores éticos, como honestidade, respeito e responsabilidade, que estão presentes nas experiências e exemplos. Assim, é essencial criar um ambiente escolar que incentive comportamentos alinhados a esses princípios. Além disso, educadores e toda a comunidade escolar devem atuar como modelos, demonstrando ativamente como aplicar os valores em diferentes contextos. No entanto, essa tarefa é desafiadora, pois requer a consideração dos valores que emergem das particularidades de cada educador.

Segundo Habermas (1987), a ação comunicativa explora a importância do diálogo e da reflexão coletiva para alcançar a coerência e a legitimidade ética. E sugere que a coerência ética pode ser construída por meio de um processo comunicativo, onde os participantes buscam entender e alinhar seus valores e comportamentos com os princípios acordados socialmente, tais como os valores institucionais de uma escola. Esse processo envolve abertura ao erro, respeito às diferenças e disposição para a autorreflexão.

Para que o conhecimento adquirido na escola se torne um valor, ele deve ser relevante e aplicável na vida cotidiana dos alunos. Isso implica em ir além do currículo tradicional, incorporando discussões sobre ética, cidadania e responsabilidade social nos componentes curriculares. O conhecimento deve ser contextualizado de maneira que os alunos compreendam sua importância e sintam-se motivados a agir conforme os valores emergidos dos contextos familiares e reforçado pela escola. Segundo Vygotsky (1993), o contexto cultural e os princípios institucionais desempenham um papel fundamental no desenvolvimento das habilidades nos alunos, evidenciando que a aprendizagem ocorre de maneira mais significativa quando está alinhada aos valores da

instituição e reforçada por uma comunidade que valoriza o processo de tentativa e erro.

Na escola, é essencial que os alunos sigam as regras e compreendam o porquê delas. Reflexões como: *por que sigo esta norma?* ou *por que estou agindo assim?* são fundamentais para o desenvolvimento de uma consciência moral. Esse entendimento vai além da simples obediência, promovendo uma adesão consciente e crítica às normas estabelecidas. O que é apresentado por Piaget (1998), em seu estudo sobre o desenvolvimento moral infantil, onde identificou que as crianças passam de uma moralidade heterônoma, em que obedecem às regras impostas por autoridade, para uma moralidade autônoma, em que questionam e compreendem o sentido das normas. Para Piaget (1998) essa transição é fundamental para o desenvolvimento de uma moralidade crítica, onde o aluno adere às normas por entender e concordar com elas.

Segundo La Taille (2006), existe uma diferença entre regras morais e valores éticos, enquanto as regras estabelecem os limites para garantir a convivência, os princípios éticos formam uma base mais ampla e estável para o comportamento humano. Salientam-se os valores éticos, como respeito e solidariedade, como partes essenciais que devem ser cultivados de maneira que inspirem ações autônomas e internalizadas, indo além do mero cumprimento de normas.

Nesta perspectiva, as regras e princípios desempenham papéis distintos, mas complementares na formação do indivíduo. As regras são estabelecidas para garantir a convivência harmoniosa e segura no ambiente escolar. Elas são específicas e detalhadas, visando regular comportamentos e prevenir conflitos. Por outro lado, os princípios são norteadores mais amplos, que ajudam a guiar as atitudes e valores dos alunos. Assim, as regras podem ser ajustadas conforme a necessidade, enquanto os princípios são mais duradouros e refletem a essência ética e moral de uma comunidade escolar.

Conforme La Taille (2006), existem três tipos de regras que regem o comportamento: morais, convencionais e pessoais. As regras morais relacionam-se a princípios éticos universais, como justiça e respeito, essas são fundamentais para a convivência social e têm uma importância que transcende

o ambiente escolar. As regras convencionais são estabelecidas para garantir a ordem e a organização no contexto específico da escola, como horários de aula e uniformes. Elas facilitam o funcionamento diário da instituição. As regras pessoais são aquelas que cada indivíduo estabelece para si, baseadas em suas crenças e valores pessoais. Embora subjetivas, influenciam o comportamento e as decisões dentro e fora da escola.

Nem todas as regras são imutáveis, algumas podem e devem ser negociadas. A negociação de regras é apropriada quando estas se mostram ineficazes, injustas ou desatualizadas. Envolver os alunos nesse processo pode ser altamente educativo, pois promove a compreensão da importância das normas e a responsabilidade compartilhada na sua construção. No entanto, é essencial distinguir entre regras que podem ser negociadas e princípios fundamentais que devem ser mantidos.

Libâneo (1994) ressalta a importância de um ambiente equilibrado no contexto escolar. A organização e o clima escolar devem ser estruturados de maneira a promover a disciplina necessária a aprendizagem, mas sem comprometer a autonomia e a criatividade dos alunos. E considera que as regras precisam ser claras, bem fundamentadas e aplicadas de forma justa, evitando tanto a rigidez excessiva quanto a permissividade, ambas prejudiciais ao desenvolvimento do aluno.

Um ambiente com excesso de regras pode ser opressor e desmotivador, levando os alunos a uma obediência cega ou à rebeldia. Por outro lado, a falta de regras pode resultar em caos e insegurança, prejudicando o processo de ensino e aprendizagem. Encontrar um equilíbrio é fundamental. As regras devem ser claras, justas e aplicáveis, promovendo a segurança e o respeito, sem sufocar a criatividade e a autonomia dos alunos.

Nesse contexto, a criação de espaços de participação dentro da escola é essencial para o desenvolvimento de uma comunidade educacional saudável. Atividades como fóruns de discussão, conselhos estudantis e grupos de trabalho permitem que os alunos participem da tomada de decisões. Essa participação ativa fortalece o sentimento de pertencimento e desenvolve habilidades de negociação, liderança e responsabilidade social (Sá, 2023).

A orientação escolar é um processo dinâmico que envolve a promoção de valores, a construção de uma moral significativa e a aplicação de regras justas. É fundamental equilibrar coerência e flexibilidade, assegurando que o conhecimento se traduza em práticas diárias. A negociação e a participação ativa são ferramentas cruciais para criar um ambiente educacional onde todos se sintam valorizados e responsáveis. Assim, busca-se formar não apenas alunos bem-informados, mas cidadãos conscientes e éticos, prontos para contribuir positivamente com a sociedade.

### 3 ANÁLISE E RESULTADOS: CARACTERÍSTICAS DOS ALUNOS

Analisa-se o panorama ético e a formação integrado dos alunos, buscando conhecer as características específicas de crianças e jovens em cada etapa da educação básica, relacionadas aos estágios do desenvolvimento à luz de Piaget. Assim, a partir das particularidades em termos de habilidades cognitivas, emocionais e sociais, considera-se associar ao planejamento das práticas pedagógicas e aplicação de normas e valores, pois a experiência de igualdade e cooperação são fundamentais para o desenvolvimento da autonomia.

Conforme Piaget (1972), o desenvolvimento moral se desenvolve a partir da relação entre os valores, afetividade e cognição. Para o autor o conceito de moral apresenta um conjunto de regras em que o respeito a esse processo, torna-se essencial. Desse modo, o autor identificou que o desenvolvimento moral das crianças ocorre em três estágios: anomia (crianças até 5 anos, onde a moral ainda não é internalizada), a moral heteronoma (entre 5 a 10 anos, onde as regras são impostas de fora e são absolutas) e a moral autônoma (a partir dos 10 anos, onde as crianças começam a entender que as regras são criadas socialmente e podem ser reavaliadas). Esse processo se caracteriza por saltos e rupturas, refletindo uma evolução na capacidade de julgamento moral.

Piaget(1972) considera a fase da anomia como o estado em que a criança não tem noção das regras e normas, não atribuindo significado às normas e nem entendendo a função das regras no mundo, essas características estão

presentes no estágio de zero aos 2 anos. A fase da heteronomia representa a noção que a criança tem em relação às regras, porém aplica-as de maneira literal. Apenas aceitando o que lhe é imposto, sem realizar muitos questionamentos. Enquanto a fase da autonomia, a criança desenvolve o próprio senso de certo e errado, apresentando domínio de regras internalizadas. A criança começa a entender a necessidade das regras e interpretá-las, porém, não mais de maneira literal, como na fase anterior.

Observava-se que na educação infantil, por exemplo, as crianças precisam de atividades que estimulem o desenvolvimento motor e a descoberta do mundo ao seu redor, enquanto no ensino fundamental, o foco se amplia para o fortalecimento da autonomia e das relações interpessoais. Já no ensino médio, a orientação deve englobar o pensamento crítico e a preparação para a vida adulta e a cidadania ativa. Esse entendimento permite que a escola ofereça um suporte adequado e adaptado a cada fase, promovendo o desenvolvimento integral dos alunos com o objetivo de personalizar ainda mais o processo de ensino e aprendizagem, considerando as individualidades, potencialidades e necessidades.

### 3.1 A FASE PRÉ-OPERACIONAL: COMO GUIAR O POTENCIAL DOS ALUNOS/ CRIANÇAS DE 04 E 05 ANOS

Ao analisar os estudos piagetianos, verifica-se que crianças com **04 anos** de idade apresentam características predominantemente fluidas, ou seja, com uma imaginação viva. Nessa fase da infância, é comum estar presente momentos de inúmeras perguntas e demonstram interesse por tudo ao seu redor, marcando a idade do "como" e do "por quê". Essas crianças são ativas e absorvem informações por meio da observação, embora ainda não consigam interiorizá-las. Para conseguir o que desejam, costumam chamar constantemente a atenção de seus pares. Sua inconstância nas atividades resulta de uma grande energia e expansividade. Elas agem e falam sem refletir muito, o que dificulta a organização das conversas e a aceitação de críticas.

Na idade de 4 anos, as crianças estão no estágio pré-operacional, segundo Piaget (1972), que abrange aproximadamente dos 02 aos 07 anos, apresentam aspectos como: o *egocentrismo* (as crianças têm dificuldade em compreender o ponto de vista dos outros. Elas tendem a ver o mundo a partir de sua própria perspectiva, ou que explicam comportamentos como desejam que tudo gire em torno de si).

Também está presente o *Pensamento simbólico* (a imaginação é muito ativa e as crianças utilizam objetos e ações como símbolos para representar), refletindo uma ampliação significativa da capacidade de usar a imaginação e de criar histórias; *Curiosidade intensa* (fazem muitas perguntas sobre o mundo ao seu redor), reflete o desenvolvimento do pensamento simbólico e do desejo de entender a relação entre as coisas. Elas frequentemente usam uma linguagem para expressar esse interesse crescente.

Nessa fase, aparece o *Raciocínio transdutivo* (o pensamento da criança dessa idade ainda não segue a lógica formal, mas tende a conectar eventos com base em associações subjetivas e não em relações causais objetivas), é comum nessa fase a criança acreditar que algo aconteceu porque ela pensou ou desejou que acontecesse; a Falta de reversibilidade no pensamento (nessa fase, a criança não consegue compreender que certas ações podem ser revertidas para voltar ao estado inicial. Por exemplo, ao desmontar um brinquedo, pode não entender como montá-lo novamente); o *Foco em um aspecto de cada vez – centrismo* (as crianças dessa idade geralmente se concentram em apenas uma característica de um objeto ou situação, ignorando outros aspectos relevantes), elucidando a dificuldade em compreender regras sociais mais complexas.

No ambiente escolar, os alunos com a essa idade apresentam-se com características de intensa atividade mental e comunicativa. Em relação às questões cognitivas, compreendem noções básicas como "um", "dois" e "muitos" e conseguem captar frases inteiras, embora não analise suas palavras. Mostra grande energia e iniciativa, que devem ser canalizadas para brincadeiras livres. Apesar de sua habilidade limitada para trabalhos manuais, gosta de construir e destruir objetos que empilha, monta ou encaixa. Se envolve em atividades que envolvem ritmo e movimento, desenho, pintura e jogos de mesa. Suas criações

começam a ter um sentido final próprio, fruto de sua espontaneidade, sem necessidade de imitação. Nessa idade, as atitudes dos adultos devem motivar as crianças a cumprir tarefas, adequando-se ao seu nível e oferecendo incentivos que facilitem a compreensão das orientações (VYGOTSKY, 2007). Além disso, é importante evitar medidas extremas, interagir com paciência e bom humor, e promover o desenvolvimento da personalidade de forma respeitosa, em vez de utilizar a imposição de força.

Estudos sobre o desenvolvimento infantil mostram que é um período que normalmente, o aluno com 05 anos, apresenta interesse em rotina fixas e brincadeiras/atividades repetidas. Começa a distinguir o real do imaginário, embora ainda possa ser enganada em relação a alguns fatos (Piaget 1972). Nessa idade, tornando-se mais deliberativo do que aos 4 anos, refletindo sobre o que irá falar. A criança demonstra seriedade em relação a si mesma e impressiona pela capacidade de assumir responsabilidades.

Além disso, Piaget (1972) discutiu a interação entre estruturas cognitivas, biologicamente vinculadas, e a estimulação ambiental. Salienta-se que nessa fase, as crianças apresentam gosto por imitar personagens e outras pessoas, encontrando felicidade em seu próprio mundo, onde se sentem equilibrada e bem consigo mesma. É uma grande observadora e imitadora do que vê ao seu redor. Prefere fazer as atividades à sua própria maneira, mas também busca agradar ao adulto e ter um bom desempenho naquilo que faz.

### 3.2 FASE DE TRANSIÇÃO: ENTENDENDO O COMPORTAMENTO DOS ALUNOS/CRIANÇAS DE 06 E 07 ANOS

Aos **06 e 07 anos**, o aluno passa por uma fase de transição psicológica e social significativa. De acordo com os estudos de Piaget (1972), a criança de 06 e 07 anos encontra-se em uma fase de transição entre o estágio pré-operacional e o das operações concretas, caracterizada por mudanças significativas em suas capacidades cognitivas, emocionais e sociais, com o *egocentrismo* das idades anteriores diminuindo e permitindo maior compreensão do ponto de vista dos outros, embora ainda tenha dificuldade com conceitos abstratos, mantendo seu

pensamento centrado em experiências concretas e demonstrando crescente interesse por explicações racionais e organizadas, refletido em perguntas mais elaboradas.

Observa-se que a interação social ganha destaque e as atividades em grupo tornam-se atrativas, especialmente aquelas que envolvem regras, que a criança começa a compreender e valorizar, ainda que de formação, sendo também marcada por avanços na motricidade fina e ampla, o que permite realizar tarefas mais complexas com maior destreza, e, embora seu foco atencional esteja mais desenvolvido, ainda pode variar dependendo do interesse pela atividade. Aos poucos, a criança desenvolve maior autocontrole e capacidade de reflexão sobre suas ações, consolidando habilidades fundamentais para o aprendizado e as relações interpessoais (PIAGET, 1972).

É uma fase que apresenta maior desenvolvimento linguístico e emocional (VYGOTSKY, 2007), tais características refletem a complexidade e as nuances da fase dos seis anos, destacando a importância de um ambiente escolar que valorize a individualidade e o desenvolvimento integral da criança.

### 3.3 AUTENTICIDADE E CONEXÕES: O DESENVOLVIMENTO AOS 08 ANOS

O aluno de **08 anos** tem ânsia de crescer e manifesta interesse por sua anatomia interna (PIAGET, 1970). Sua personalidade torna-se mais expressiva, com gestos mais autênticos. Ela se conscientiza de si mesma como pessoa, reconhecendo algumas diferenças em relação aos outros e falando sobre isso, muitas vezes pensando em si mesma. Costuma sentir-se o centro de qualquer cena e deseja que o adulto faça parte de seu mundo, impondo exigências e querendo que ele atue conforme suas determinações (WINNICOTT, 1999). A criança sente-se mais identificada com a família e necessita dela, pois recebe influência de forma preponderante. É sensível aos desacordos e antagonismos entre os membros familiares, necessitando que as relações com outras pessoas sejam equilibradas.

Para Piaget (1972), o que marca uma fase de maior desenvolvimento da lógica e do raciocínio aplicado a situações concretas. A sua capacidade de

resolver problemas torna-se mais estruturada, baseando-se em fatos observáveis e relações concretas, embora os conceitos abstratos ainda representem um desafio. A compreensão das regras evolui significativamente: a criança passa a compreender sua função no grupo e a importância da justiça, mostrando-se mais colaborativa e respeitando acordos. Socialmente, os laços de amizade ganham mais profundidade, com maior valorização da reciprocidade e da confiança.

As habilidades motoras estão bem refinadas, favorecendo a prática de esportes e atividades que desativam coordenação e estratégia. Além disso, há uma ampliação do foco atencional e da persistência em tarefas que exigem esforço mental ou físico, refletindo maior maturidade (PIAGET, 1972). É um período em que a curiosidade intelectual continua intensa, sendo acompanhada por uma maior capacidade de organização e de planejamento, o que potencializa o aprendizado escolar e as experiências de vida.

### 3.4 ENTRE A AUTONOMIA E A SOCIALIZAÇÃO: O ALUNO DOS 09 AOS 11 ANOS

A transição para os **09 anos**, as excursões, visitas culturais e estudos devem ser planejados com um duplo objetivo: pedagógico e como oportunidades de desenvolvimento das relações pessoais. A escola e os pais podem dar novas responsabilidades, cada vez mais complexas, pois as tarefas anteriores passam a interessar menos (VYGOTSKY, 2007). Aceitar a criança tal como é, em cada momento de seu desenvolvimento, ajuda a formar sua personalidade. Conservar um clima de confiança mútua oferece segurança e equilíbrio (MONTESSORI, 2017). Oferecer ajuda nas relações pessoais e dar novas responsabilidades, cada vez mais complexas, é importante. Repetir orientações frequentemente é necessário, pois, mesmo que a criança já trabalhe com maior independência, ainda precisa desse reforço, de um tipo de recompensa que ajuda sem ser fim em si mesmo.

Aos 09 anos, Piaget (1972), identifica na criança o pleno desenvolvimento no estágio das operações concretas, na organização do pensamento e na

capacidade de resolver problemas práticos. Ela já consegue entender relações de causa e efeito com maior clareza e aplicar conceitos aprendidos em novas situações. A socialização assume um papel central, com amizades cada vez mais derivadas e baseadas em interesses comuns, lealdade e compreensão mútua.

A sensibilidade para questões de justiça e cooperação é ampliada, a criança passa a valorizar as regras não apenas como imposições externas, mas como parte do bem-estar coletivo. Sua autonomia emocional também avança, permitindo maior resiliência frente as críticas e frustrações, embora ainda seja necessária de apoio para lidar com desafios maiores. A motricidade está consolidada, favorecendo o engajamento em esportes e atividades que requerem estratégia e trabalho em equipe. Na escola, ela apresenta maior capacidade de concentração e organização, conseguindo planejar melhores suas tarefas e cumprir prazos com mais independência. Ao mesmo tempo, a curiosidade intelectual permanece forte, levando-a a explorar e questionar o mundo com um senso crescente de responsabilidade e propósito (PIAGET, 1972).

Entre os alunos de **10 e 11 anos**, encontra-se em uma fase de grande equilíbrio na evolução. Ela se mostra feliz, sincera, simpática, tranquila e amigável. Sempre encontra um modo de aliviar a irritação, que geralmente é superficial e de curta duração. Manifesta-se equilibrada, livre de tensões, independente, direta e inclinada a uma relação de fácil reciprocidade. Compreende muito bem o próprio comportamento e possui um grande desejo de agradar os outros (PIAGET, 1972). Mostra uma grande capacidade de oferecer proteção, voltada especialmente para crianças menores, animais e outros, nos âmbitos pessoal, familiar e social. Apresenta uma maior amplitude de gostos e interesses.

Piaget (1972), enfatiza que aos 11 anos, com a proximidade da *pré-adolescência*, inicia-se uma transição para o estágio das operações formais. Isso significa que a criança começa a esboçar capacidades de pensamento abstrato e hipotético, embora ainda dependa muito de experiências concretas para estruturar seu raciocínio. Nesse período, as interações sociais ganham

complexidade, e o desejo de pertencimento a grupos se intensifica, com maior atenção a valores, normas e expectativas sociais. E considera a autonomia emocional como mais consolidada, permitindo que lidem melhor com frustrações e críticas, embora ainda precisem de orientação em questões éticas e morais.

No ambiente escolar, apresentam maior capacidade de concentração e aprofundamento nos conteúdos, acompanhados de uma curiosidade que se alinha a interesses mais específicos e elaborados. Essa fase é fundamental para a construção de identidade, autonomia e habilidades que sustentam a transição para a pré-adolescência.

### 3.5 ENTRE A REFLEXÃO E A AÇÃO: DESCOBERTAS E RELACIONAMENTOS AOS 12 E 13 ANOS

Aos 12 e 13 anos, o aluno demonstra maior equilíbrio, aceitando os outros e a si mesmo com mais objetividade, embora ainda oscile entre ações que flutuam entre a infância, a pré-adolescência para a adolescência, sendo capaz de inibir seus temores com humor e de mostrar-se extrovertido e entusiasta. Na esfera escolar, a criança dessa idade gasta energia procurando um modo de não fazer as tarefas, mas gosta da possibilidade de fazer escolhas, levando o trabalho a cabo diligentemente quando lhe são oferecidas opções. O professor é o sujeito mais importante nessa idade e o aluno prefere os exigentes e justos, porém simpáticos. Aprecia aqueles que são pacientes, compreensivos e justos. Tem um grande senso de justiça, sendo impulsiva, embora falhe em perspectiva. É supercrítica tanto em relação a si mesma quanto aos outros, mas não sabe aceitar críticas alheias.

No campo do desenvolvimento moral, Piaget (1994), aponta que nessa faixa etária as crianças transitam da moralidade heterônoma para a moralidade autônoma, valorizando regras justas e imparciais. O professor justo e exigente, mas compreensivo, representa uma figura que confirma esse senso de justiça emergente, enquanto a impulsividade e a dificuldade em aceitar críticas são próprias do raciocínio individualista ainda presente.

Ainda no recorte de 12 e 13 anos é importante considerar o clima de alegria, autoridade e respeito, incentivando o desenvolvimento da autenticidade e responsabilidade. Demonstrar confiança no aluno para desenvolver o sentido de responsabilidade, proporcionar tempo para atividades ao ar livre e empregar materiais impressos e meios audiovisuais na aprendizagem, são essenciais. Atenção especial deve ser dada à clareza na comunicação, principalmente com as meninas, para incentivar o desenvolvimento da autenticidade e da responsabilidade.

La Taille (2006), aborda a complexidade dessas transformações emocionais e cognitivas nesta etapa, enfatizando como o pré-adolescente luta para equilibrar dependência e autonomia enquanto busca afirmar sua identidade em um mundo que ainda parece incerto. A adolescência supõe uma mudança significativa na pessoa. O adolescente apresenta grande instabilidade com antinomias: alegria-tristeza, responsabilidade-inconsciência, timidez-audácia, solidão-afeto etc., passando de uma à outra fase com facilidade. Demonstra contradição interna da identidade, manifestando sentimento de impotência diante da realidade concreta.

Por isso, em algumas ocasiões, tem reações imprevisíveis. Há forte presença de ídolos e autoridades. Torna-se incapaz de estabelecer laços afetivos intensos em virtude, justamente, de sua luta pela independência. Esconde complexos de inferioridade, ignorância e insegurança por meio de reações de desembaraço, altivez ou timidez. Com isso, pretende sobrevalorizar-se perante os semelhantes e atrair sua atenção. Não surge o sentido da intimidade. Apesar de demonstrar que precisa das amizades, esse tipo de ligação é pouco duradouro.

Muitas vezes, nessa fase, o aluno se limita a fazer os *trabalhos de casa*, porque ele não sente necessidade de se sentar diante de um livro para aprender uma coisa que já aprendeu anteriormente. Mas, precisa compreender que os assuntos a aprender são muitos, ou muito complexos. Esse momento não deve ser confundido com aquela quebra natural nos resultados escolares que muito frequentemente sucede em certas etapas do crescimento, como a pré-adolescência ou a adolescência (PIAGET, 1994).

Os jovens habituados à facilidade, diversões constantes - jogos de computador, música, televisão, vídeos, festas - têm dificuldades para a disciplina que requer o estudo. Procurará atividades que julgam mais importantes para a sua felicidade. Um jovem lançar-se-á a difícil tarefa de estudar, se tiver motivação e encontrar gosto em estudar. Mesmo não lhe apetecendo estudar, sentar-se-á diante dos livros com a consciência de que há coisas bem mais importantes do que estar desocupado. Mas o objetivo mesmo deve ser grande e belo. Verdadeiro e profundo. Que crie nele perseverança e resiliência.

### 3.6 AS INTENSAS TRANSFORMAÇÕES AOS 13 E 14 ANOS

Nesta perspectiva, também estão os alunos entre **13 e 14 anos**, que vivenciam uma fase de intensas transformações físicas, emocionais e cognitivas, marcadas pela busca por identidade e autonomia. O que é destacado por Piaget (1972), que esses jovens ingressam no estágio das operações formais, caracterizados pela capacidade de pensar abstratamente e lidar com situações e conceitos mais complexos. Esse desenvolvimento permite que eles compreendam melhores relações causais e se envolvam em raciocínios lógicos, embora ainda precisem de experiências concretas para estruturar seu pensamento.

Nesse período, o pensamento moral começa a evoluir, com maior reflexão sobre questões éticas e a capacidade de considerar diferentes pontos de vista, embora o comportamento ainda seja inconsistente, alternando entre atitudes maduras e impulsivas devido à intensa oscilação emocional característica da adolescência, sendo uma fase em que as experiências e o apoio de adultos, especialmente pais e educadores, desempenham um papel fundamental no desenvolvimento da autoestima e da identidade (PIAGET, 1994).

Nesse sentido, é importante destacar que a adolescência é um momento muito criativo por ser um período de transformações, em que o adolescente conquista o pensamento formal, que lhe permite raciocinar sobre hipóteses e elaborar conclusões a partir delas, criando uma relação com o mundo adulto, vivendo em seu mundo interior e, para conhecer a própria personalidade, ideias

e ideais, comparando seu mundo ao dos outros, transmitindo impressão de apatia em virtude de suas reflexões sobre os próprios estados anímicos, numa interiorização que abarca também as esferas intelectual, filosófica e estética, deixando a vida repleta de teorias dessa natureza.

Para Libâneo (1994), destaca que a adolescência é uma de construção da identidade, em que o jovem se coloca em um processo de reflexão constante sobre suas experiências e sobre o mundo à sua volta. Ele enfatiza a importância da escola no apoio ao adolescente na busca por essa identidade, por meio de uma educação que propicie o diálogo, a problematização e a reflexão. E destaca, que a escola deve ser um espaço de mediação entre o jovem e as experiências que ele vivencia, ajudando-o a construir uma visão crítica do mundo e a se perceber como um agente de transformação social.

Outro ponto importante nas ideias de Libâneo (1994), é o conceito de educação crítica, que considera o aluno não como receptor passivo de conhecimento, mas como um sujeito ativo na construção do saber. Ele vê a adolescência como uma fase de questionamento profundo das normas e dos valores sociais, e a escola deve atuar como um lugar onde o jovem possa questionar, discutir e ampliar sua visão do mundo.

Libâneo (1994), também discute a importância de uma educação inclusiva e democrática, que reconheça e valorize a diversidade dos estudantes, respeitando suas experiências de vida e promovendo a igualdade de oportunidades. A formação de uma consciência crítica é, para ele, fundamental não apenas para a formação intelectual, mas também para a ação ética e cidadã do jovem na sociedade.

### 3.7 DA ADOLESCÊNCIA PARA A VIDA ADULTA: DESAFIOS E TRANSFORMAÇÕES

Entre **15 e 16 anos**, começa a interessar-se novamente pelo estudo, desde que o conteúdo seja significativo e vital à sua experiência, como, por exemplo, religião, ciências sociais, entre outros e aos 15 anos, em geral, manifesta atitude hostil para com a escola, opondo-se às suas exigências e ao

rigor de suas normas, revoltando-se, às vezes, contra a autoridade em geral, não individualmente, mas em grupo, enquanto tem novos interesses vocacionais, compreende elementos do trabalho de pesquisa e elabora projetos de vida, integrando-se à comunidade escolar e participando das atividades que a escola oferece.

Pode manifestar certas diferenças individuais, acadêmicas e sociais, relacionadas à capacidade de liderança, ao talento e às atitudes intelectuais, e, às vezes, vê na vida escolar uma válvula de escape, uma forma de afrouxar as restrições familiares, sendo que as atitudes dos adultos que influenciam em sua formação incluem ter abertura para conhecer as fases dessa faixa etária, de modo a evitar atitudes inadequadas como não perceber nenhum tipo de direito ou ter a autoridade desgastada, o que, aliado à conduta do jovem, pode provocar choques violentos.

No entanto Piaget (1972), descreve o pensamento dos adolescentes, especialmente a partir dos 15 anos, como um pensamento mais abstrato e hipotético. Esse desenvolvimento cognitivo permite ao jovem pensar sobre o futuro, elaborar projetos de vida e considerar suas vocações e ideais. A rebeldia e o afastamento da autoridade também são vistos como parte da busca por autonomia e identidade, um processo natural dessa fase de desenvolvimento.

Quanto aos adolescentes de **16, 17 e 18 anos**, estão em uma fase de transição que combina avanços no desenvolvimento cognitivo, emocional e social com desafios significativos, demonstrando maior capacidade de pensamento abstrato e crítico, o que lhes permite compreender ideias mais complexas e questionar normas sociais e familiares, embora a tomada de decisões possa, por vezes, ser impulsiva, especialmente em situações de pressão, enquanto a busca por identidade pessoal e autonomia se intensifica, sendo uma fase em que os jovens começam a refletir mais profundamente sobre quem são e o que valorizam, mas ainda apresentam oscilações emocionais e momentos de incerteza (PIAGET, 1994b).

O grupo de amigos continua sendo um espaço central de apoio e pertencimento, mas relacionamentos mais íntimos, como namoros, começam a ganhar importância. Há também um maior desenvolvimento da empatia e da

capacidade de respeitar diferentes perspectivas, embora conflitos com figuras de autoridade ainda possam ocorrer. Fisicamente, o corpo já está próximo de sua maturidade completa, e questões relacionadas à imagem corporal influenciam diretamente a autoestima, tanto de forma positiva quanto negativa.

Nessa fase, os adolescentes começam a lidar com escolhas que moldarão suas vidas futuras, como decisões acadêmicas e profissionais, o que pode gerar *ansiedade*. Eles buscam mostrar responsabilidade e maturidade, mas nem sempre estão preparados para enfrentar as consequências de suas decisões. Apesar do desejo por autonomia, ainda precisam do suporte emocional e prático dos adultos ao seu redor.

Fraiman (2014), enfatiza a importância de ajudar os adolescentes a desenvolverem autonomia e responsabilidade ao longo dessa fase, fornecendo ferramentas para que façam escolhas conscientes e alinhadas com seus valores e aspirações. Em seus estudos, destaca a necessidade de um suporte pedagógico e emocional para que os jovens enfrentem os desafios de decisão profissional e construção de identidade, sempre com um foco em promover autoconhecimento, resiliência e equilíbrio emocional. Embora o desejo de independência seja forte, os adolescentes ainda precisam de modelos adultos inspiradores e de um ambiente seguro para experimentar e aprender, o que está diretamente alinhado com o texto apresentado.

### 3.8 A ADOLESCÊNCIA

A adolescência é uma fase caracterizada por várias mudanças, tanto físicas quanto emocionais, e pode ser dividida em três etapas principais: *pré-adolescência (dos 11 aos 14 anos)*, *adolescência (dos 14 aos 17 anos)* e *juventude (dos 17 aos 20 anos)*, conforme apresentado no Quadro 01 que representa todo o ciclo vital, Silva (2015, p.108)

Durante a adolescência, o desenvolvimento ocorre de maneira ordenada, com características comuns entre os indivíduos dessa faixa etária. Os adolescentes costumam ser ansiosos, inseguros e perturbados, muitas vezes mostrando rebeldia diante das exigências e proibições familiares. Eles buscam

a segurança proporcionada pelo grupo de amigos, excluindo aqueles que não pertencem ao seu círculo social.

Para Piaget (1971), a fase das operações formais, que começa por volta dos 12 anos, é marcada por uma transição significativa no desenvolvimento cognitivo dos indivíduos. Durante essa fase, os adolescentes deixam de depender exclusivamente de operações concretas (pensamento lógico baseado em objetos e situações tangíveis) e passam a ser capazes de pensamento abstrato e cálculo hipotético-dedutivo. Isso significa que, ao contrário das crianças nas fases anteriores, os adolescentes conseguem manipular ideias de forma mais flexível, pensar em possibilidades que não são imediatas ou reais, e formular hipóteses sobre o mundo e suas próprias experiências.

E ressalta, essa nova capacidade de reflexão sobre situações hipotéticas permite aos adolescentes fazerem análises mais críticas e reflexivas sobre o mundo ao seu redor. Eles começam a questionar normas sociais, políticas e valores, sendo mais propensos a adotar atitudes questionadoras e a desenvolver suas próprias opiniões. Esse é um momento do desenvolvimento da autonomia intelectual, pois os jovens começam a elaborar teorias, ideais e visões do mundo que não se baseiam apenas em experiências concretas vívidas, mas também em conceitos mais abstratos (PIAGET, 1971).

Entretanto, o crescimento emocional e social durante essa fase não ocorre de maneira linear. Apesar de desenvolverem uma maior capacidade intelectual, os adolescentes ainda enfrentam intensas instabilidades emocionais, pois o processo de se autodefinir e de entender seu lugar no mundo gera inseguranças e instabilidades. Esse fenômeno é exacerbado pelas mudanças físicas da puberdade e pelos desafios sociais enfrentados ao tentar encontrar seu grupo de pertencimento (PIAGET, 1971).

E enfatiza, é comum que os adolescentes alternem entre comportamentos de maior independência e, por vezes, uma busca por facilidades, demonstrando dependência ou desejo de orientação. Essas transições são frequentemente influenciadas pela dinâmica social e pelas mudanças internas que experimentamos, como a construção da identidade e o desenvolvimento de relacionamentos. Eles podem ser mais rebeldes e contestadores, buscando se

afastar da autoridade dos pais e figuras adultas, ao mesmo tempo em que demonstram um grande desejo de acessibilidade e reconhecimento dos grupos sociais a que pertencem (PIAGET, 1971).

Nesta perspectiva, a instabilidade emocional é uma característica marcante desta fase, causada por diversas razões. O desejo de independência é um fator crucial; os adolescentes se afastam dos pais, que antes eram figuras de autoridade e segurança, e procuram seus pares para orientação. Isso gera conflitos, pois os pais criticam e exigem dos filhos, que se sentem confusos e pressionados. Além disso, a rápida aceleração do desenvolvimento físico e mental contribui para o desequilíbrio emocional, alternando momentos de euforia e depressão (MARCONDES, 1999).

A busca por identidade também é intensa na adolescência. Os jovens enfrentam a necessidade de se conformar às normas sociais, enquanto tentam afirmar sua individualidade. Esse processo gera incertezas e frustrações, especialmente quando enfrentam expectativas contraditórias dos pais, professores e comunidade. Os adolescentes são idealistas e possuem valores elevados, mas também se sentem incompreendidos e isolados, o que pode resultar em uma sensação de solidão (LEITE, 1974).

Assim, as relações interpessoais desempenham um papel fundamental nessa fase. Os adolescentes formam fortes laços de amizade e começam a explorar relacionamentos românticos, que podem ser fontes de felicidade ou de grande angústia. As decepções amorosas, as brigas com amigos e familiares, e a falta de popularidade são causas comuns de sofrimento. A maturidade sexual, que é significativa para a criança, agora precisa ser renegociada na adolescência, com novas atitudes e comportamentos.

Na adolescência, a busca por aceitação social pode levar a comportamentos de risco, como o envolvimento com drogas e a prática de atos de rebeldia. A pressão para ser aceito pelos pares pode ser intensa, resultando em comportamentos extremos e, por vezes, perigosos. No entanto, a maioria dos adolescentes eventualmente encontra um equilíbrio, aceitando suas responsabilidades e ajustando suas aspirações de acordo com a realidade.

Essa mentalidade de crescimento, descrita por Vygotsky (2007), fortalece a ligação entre a aprendizagem e a vida cotidiana. Nesse sentido, muitos adolescentes passam por períodos de profunda insatisfação e infelicidade, frequentemente sem compreender a causa de seus sentimentos. Esse mal-estar pode se manifestar em conflitos com a família, dificuldades escolares e problemas de autoimagem. Outro ponto que se destaca é que o indivíduo estabelece relações com os outros indivíduos na sociedade, como determina seus princípios morais e passa a adotá-los e, finalmente, como (Rego, 2003, p.75)

Ressalta-se o papel dos adultos reconhecerem e compreenderem essas mudanças, oferecendo apoio e orientação para ajudar os jovens a navegarem por essa fase desafiadora. Em última análise, a adolescência é um período de transição essencial, preparando os indivíduos para a vida adulta com suas responsabilidades e desafios. Considerando as fases piagetianas, o papel das influências ambientais no desenvolvimento cognitivo, são diretamente relacionados aos processos maturacionais internos, em vez dos contextos ou eventos ambientais, que determinam a sequência da progressão do desenvolvimento cognitivo. Assim, desde o início do desenvolvimento cognitivo e emocional, como o egocentrismo infantil, até a complexidade das operações formais e a busca pela identidade na adolescência, é evidente que as reflexões sobre a aprendizagem com o erro, desempenham um papel crucial na formação integral do indivíduo.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento ético e moral corrobora com as características do desenvolvimento de cada faixa etária relacionando-se diretamente com as fases escolares, desvelando a importância de uma abordagem pedagógica adaptada às fases evolutivas de cada aluno. Salienta-se que as abordagens específicas para cada faixa etária, necessitam estar em conformidade com as características únicas de cada período de desenvolvimento. As crianças pequenas, com sua curiosidade e imaginação, beneficiam-se de atividades lúdicas e interativas,

enquanto os adolescentes necessitam de desafios que estimulem seu pensamento crítico e a construção de sua identidade. A transição entre essas fases, marcada por descobertas e transformações, reforça a importância de uma educação personalizada e inclusiva.

Entretanto, a literatura piagetiana defende que o professor seja um colaborador no processo, acreditando que quanto mais as crianças forem capazes de negociar as suas regras, melhor compreenderão as regras da sociedade e mais aptos estarão para o exercício da cidadania. Um aspecto central na promoção do desenvolvimento integral é a valorização do erro como parte do aprendizado. Quando a escola cria um ambiente que transforma falhas em oportunidades de crescimento, ela não apenas fomenta a resiliência, mas também prepara os alunos para enfrentarem desafios futuros com confiança e proatividade.

A construção de valores éticos na escola, exige um ambiente que favoreça a reflexão, o diálogo e a prática de comportamentos coerentes com os princípios morais e éticos da sociedade. É importante considerar a relevância da parceria entre escola, família e comunidade na construção de valores. Eventos, workshops e práticas conjuntas ampliam o impacto educativo, tornando-o mais significativo e duradouro. As crianças e adolescentes, ao vivenciarem valores como respeito, solidariedade e responsabilidade em múltiplos contextos, internalizam esses princípios de formação mais profunda.

Entende-se que a escola cumpre seu papel quando consegue proporcionar momentos de desenvolvimento da autonomia, oferecendo espaço para a criatividade e participação ativa dos alunos, presentes em atividades colaborativas de reflexão para a promoção do senso de pertencimento e responsabilidade, habilidades fundamentais para a formação de cidadãos conscientes e éticos.

Conclui-se que o processo formativo apresentado neste artigo expressa que ensinar valores e desenvolver competências cognitivas são processos interdependentes e contínuos, cabendo à escola, aos educadores e às famílias proporcionarem esse ambiente de confiança, reflexão e prática, onde os alunos podem crescer como indivíduos plenos e contribuir de maneira significativa para

a sociedade, sendo o desafio construir essa base sólida, apoiando a diversidade de experiências, que vem do bojo familiar, aos ritmos de aprendizagens, e mantendo o foco no objetivo maior da educação: formar pessoas capazes de transformar o mundo de forma ética e consciente.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, J. P. **Aprendizagens visíveis**. Panda Educação, 2022.
- AQUINO, J. G. **Erro e fracasso na escola: alternativas teóricas e práticas**. Grupo Editorial Summus, 1997.
- FRAIMAN, L. **Preparando campeões para a vida: guia para pais e educadores**. São Paulo: Editora Évora, 2014.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- FURTADO, V. J.; MOURA, A. S.; COSTA, A. N.; PEREIRA, A. A. Intervenções educacionais baseadas no efeito das emoções no processo de tomada de decisões médicas: uma revisão sistemática. **Revista Brasileira de Educação e Saúde - REBES**, v. 3, pág. 252-262, conjunto de julho. 2023.
- HABERMAS, J. **Teoría de la acción comunicativa I - Racionalidad de la acción y racionalización social**. Madri: Taurus, 1987.
- LA TAILLE, Y. de. **Moral e ética: dimensões intelectuais e afetivas**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- LEITE, D. M. **A Personalidade humana: abordagem psicológica e seus fundamentos sociais**. São Paulo: Editora Pioneira, 1974.
- LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994
- MARCONDES, D. **Psicologia da adolescência**. São Paulo: Editora Ática, 1999.
- MASETTO, M. T. Docência no Ensino Superior: quando ela faz a diferença na vida do aluno. **Revista Diálogo Educacional**, 2022, 22.74: 1316-1338.
- MORAN, J. **A difícil arte de educar os filhos**. 2023. Disponível: < [https://moran.eca.usp.br/wp-content/uploads/2023/12/educar\\_filhos.pdf](https://moran.eca.usp.br/wp-content/uploads/2023/12/educar_filhos.pdf) > acessado em 16/09/2024.
- MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 2. ed. rev. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2011.
- PIAGET, J. **A psicologia da criança**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1994b.
- PIAGET, J. **O julgamento moral na criança**. São Paulo: Summus, 1994.
- PIAGET, J. **O nascimento da inteligência na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

PIAGET, J. **Os estágios do desenvolvimento intelectual da criança e do adolescente.** In: Piaget. Rio de Janeiro: Forense, 1972.

PIAGET, J. **Os Procedimentos da Educação Moral.** In: PARRAT-DAYAN, S.; TRYPHON, A. (Org.). Jean Piaget. Sobre a Pedagogia. Textos inéditos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998. p. 26-58.

PIAGET, J. **Seis estudos de psicologia.** 4.ed. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1971.

REGO, S. **Teoria do Desenvolvimento Moral de Jean Piaget e Lawrence Kohlberg.** In: A formação ética dos médicos: saindo da adolescência com a vida (dos outros) nas mãos [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2003, pp. 75-102.

ROGERS, C. **Uma maneira negligenciada de ser: a maneira empática.** In C. ROGERS, & R.

ROSENBERG, M. **A pessoa como centro** (pp. 69-89). 2. ed. São Paulo: EPU, 1977.

SILVA, F. M. **Estudo psicofísico da atenção visual e avaliação cognitiva em adolescentes com TDAH.** 2015. xix, 198 f., il. Tese (Doutorado em Ciências do Comportamento) Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

VYGOTSKY, L. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VYGOTSKY, L. **Aprendizado e Desenvolvimento. Um processo sócio-histórico.** São Paulo: Scipione, 1993.

WINNICOTT, D. W. **Tudo começa em casa.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.